



HTTP://WWW.G0YS.ORG/: COSMOLOGIA, INTERDIÇÕES E IDENTIDADES HOMOERÓTICAS EM TEMPOS DE CYBERSPACE

Flavio Braune Wiik¹

Introdução

A sexualidade humana é vivenciada e expressa na neomodernidade fundamentalmente através de vasta multiplicidade; balizada por uma complexidade de tipos e formas. Tal característica que perpassa, provê sentido e forma à sexualidade parece consonante com as demais dimensões da vida social no ocidente contemporâneo – caso partamos do princípio de que esta dimensão da vida social não pode ser dissociada ou compreendida de forma isolada, assim como das estruturas que replicam, comunicam e sustentam, ao menos no nível ideológico, o capitalismo tardio globalizado – cujo repertório cultural é consonante com valores formadores desta dimensão humana. A exemplo, nas últimas décadas, **diversidade, liberdade de escolha, abertura e laicidade** têm sido princípios tão caros aos movimentos pelos direitos sexuais e reprodutivos (inclusive aos que vão além das fronteiras das chamadas minorias sócio-sexuais) quanto para a setores da economia de mercado neoliberal.

As configurações inerentes ao campo da sexualidade, os diversos movimentos e atores políticos a ela atrelados, assim como a própria dinâmica criativa que os subjazem, têm propulsionado o campo do conhecimento antropológico voltado aos estudos de gênero e da sexualidade, os estudos sobre o corpo e corporalidade, além, é claro, da inclusão destes movimentos no rol de novos movimentos sociais à luz da antropologia social e das ciências sociais influenciadas pelos estudos de Foucault, dentre outros filósofos do campo da sexualidade na contemporaneidade. As ontologias inerentes a estas configurações levam o campo de conhecimento antropológico a uma situação de constante reatualizações, posto que o conhecimento, para alguns de nós antropólogos sociais, é um construto inacabado que ganha novas formas e conteúdos no desenrolar das interações concretas dos sujeitos na arena coletiva que costumamos nos referir como vida social. De igual maneira, a análise dos símbolos, signos e significados mediadores da experiência da sexualidade deve ser construída em diálogo com os próprios atores, e cujo resultado é fruto da relação imanente entre estrutura e evento. Em outras palavras, a análise antropológica das dimensões da vida social

¹Cand. Polit, Ph.D. Professor de Antropologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). flaviowiik@gmail.com.



deve resultar da imbricação assimétrica entre aspectos conjunturais e os ditos aspectos mais rígidos da vida social, que por sua vez são articulados pelo fenômeno cultural, o qual, e afinal, açambarca dinâmica e sedimentação.

Seguindo este espírito – e parafraseando Deleuze que nos receita deixarmos ser *afetados* pelo nosso objeto, ou seja, pelos seres e aspectos com os quais estamos envolvidos em nosso cotidiano – que recentemente nos chamou à atenção um sítio público veiculado na World Wide Web (ou “Rede Mundial de Computadores”, doravante denominada pela sigla WWW), cujo endereço eletrônico é: <http://www.g0ys.org/> (sendo que a palavra “g0ys” é grifada com a representação numérica arábica correspondente ao número “zero”).²

Ao digitarmos este endereço, nos deparamos com a sua página de apresentação, cujo título é: “Welcome to [G0YS.ORG](http://www.g0ys.org/) - The Movement for Guys who feel deep affection for other guys, - but do NOT relate to the term "GAY!"” (grifos originais). Ao título, seguem algumas breves considerações sobre o desejo homoerótico, onde postulam que o mesmo não deve ser atrelado aos vários estereótipos produzidos pela própria “gay-male community”, os quais consideram “to be repugnant to our sensibilities of masculinity & respect” (como exemplos destes estereótipos citam: “cross-dressing”, “gender-bending” e “playing the female role”). Afirmam ser grandes defensores da “masculinidade”, cuja categoria aproxima-se das representações acerca da “viriliade” atrelada à “beleza masculina”, opondo-se à categoria *afetação*, a qual poderia ser traduzida como “men Who play the female role”. Como afirmam em seu sítio: “g0ys are not fags (...) men who look into the G0YS movement generally discover is that there is a place for men who love masculinity & don't feel comfortable with the term "GAY" nor the stigmas surrounding it. G0YS represent the silent majority of guys who happen to have deep feelings for other guys & would like to express them in an atmosphere of respect without the least hint of moral compromise nor a need to blindly "tolerate" offensive actions”.³

A estas considerações, digamos taxonomias, iniciais – as quais nos parecem recorrentes entre vários segmentos de homens que mantêm práticas sexuais com outros homens, assim como presentes em algum nível no imaginário do campo das sexualidades ocidentais em geral – somam-se mais duas que constituem os alicerces do Movimento e das representações coletivas sobre as quais, idealmente, fundam-se as práticas e a identidade dos G0ys. São elas: i) a rejeição de qualquer

² Agradeço ao graduando em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, Felipe A. Padilha, por ter me chamado a atenção para existência deste sítio, assim como pelas conversas e sistematização preliminares sobre algumas informações presentes no sítio, as quais, parcialmente, faço uso neste texto.

³ Como veremos mais adiante, os “gays” para o Movimento G0y fazem parte do GLIT (gays, lésbicas, intersexuais, transexuais (ou bissexuais)), portanto distinto dos mesmos, os quais se autodeclararam “masculinos”.



tipo de prática sexual anal (seja receptiva ou insertiva), por serem consideradas “impuras”, “não naturais” e “ímorais”, “promotora de doenças” e da “destruição humana”; e ii) o compromisso de oferecer aos homens G0ys, uma releitura sólida e teológica dos textos sagrados de origem judaico-cristã, capaz de reconciliar a fé dos G0ys com a religião, haja vista que para os G0ys, o “pecado”, segundo o Torá e a Bíblia, não reside no homoerotismo ou no “deep affections for other guys” *per se*, mas, especialmente, nas práticas sexuais anais. Afinal, tratam esta releitura das Sagradas Escrituras à luz do que denominam ser uma “G0y-Centric Theology”, por eles elaborada e replicada.

Parece-nos, pois, não estarmos diante de uma releitura dos textos sagrados como observado entre (alguns setores das) igrejas protestantes (não Históricas), as quais “acolhem gays” como temos observado nas grandes cidades de alguns estados mais progressistas dos EUA, ou do norte europeu. Pelo contrário, a “G0y-Centric Theology” vai de encontro ao que denominam “fag churches” ou “gay affirming churches”, que “tudo permitem” ou distorcem as escrituras para agregar indiscriminadamente todos os “gays”; coletivo este do qual afirmam não fazer parte. Tampouco estamos diante de movimentos dentro de igrejas católicas e/ou protestantes (Históricas ou não), tidas pelo Movimento como “fundamentalistas”, que condenam as práticas e “orientação” homoeróticas, chegando a oferecer “tratamentos” espirituais para a sua superação. Ou seja, o homoerotismo à luz de sua “teologia” não é um *desvio*, originador de pecados e culpas.

Um movimento constituído por homens que afirmam seu desejo homoerótico, o qual se forma e constrói sua identidade a partir de uma postura contrastiva frente aos demais grupos de mesma orientação e/ou prática, baseados em restrições a determinados tipos de práticas sexuais, comportamentos e papéis de gênero sustentados e legitimados através de preceitos teológicos – ou seja, do universo do *sagrado* – parecem compor o mosaico constitutivo do grupo social do qual estamos tratando. Apesar de destoar dos princípios liberais que têm caracterizado os movimentos por direitos sexuais e reprodutivos, assim como os das chamadas minorias sócio-sexuais contemporâneas, ou mesmo das novas políticas públicas *inclusivas* voltadas para estes segmentos social o **G0ys.org** potencialmente arregimenta homens que não tomaram para si a política do “coming out” – já que para o Movimento esta política está atrelada aos estereótipos que dizem rejeitar. Da mesma maneira, o Movimento parece ter depositado na “G0y-Centric Theology” (um poderoso construto cultural, (re)ordenador do cosmos e das escatologias), e construído a partir dela, o poder re-elaborador do universo simbólico fragmentado pelos estigmas que sofrem frente aos modelos sociais e teológicos hegemônicos adotados pelo *establishment*, com base nas teologias



presentes no Judaísmo assim como no Cristianismo. Acreditamos ser esta a principal força agregadora e construtora de alteridade do movimento, tanto internamente, em se tratando de outros segmentos e movimentos sócias de desejo/prática homoeróticas, quanto frente ao universo mais amplo onde se configuram demais formas e expressão da sexualidade, o seu poder coercitivo e moral.

O nosso objetivo analítico não reside no estabelecimento de uma crítica de dimensão psicossocial ou psicanalítica de um determinado grupo frente à culpa, ou tentar explicar a função abstrata, inconsciente e descontextualizada dos tabus e das interdições nas sociedades humanas de modo geral e universal (como a antropologia estruturalista tem se constituído dentro do campo de conhecimento antropológico). Nossa intenção primordial é tentar apontar para o poder simbólico dos modelos cosmológicos e escatológicos ocidentais de caráter universalista – o qual temos sintetizado sob o termo *campo religioso* – em articular, agregar, criar identidades ou dissuadir grupos de pessoas com base na experiência construída a partir do campo da sexualidade. O poder em criar, como veremos, um nicho de mercado de “corpos” e “bens”; dar sentido às experiências intersubjetivas dos atores e suas inserções sociopolíticas contemporâneas concretas, mesmo que, paradoxalmente, expressas em espaços virtuais em determinada dimensão.

Ademais, é importante ressaltar que a nossa análise deste Movimento descortina a articulação existente no próprio campo social entre elementos “arcaicos” (como o fenômeno religioso presente nos universos culturais das sociedades humanas) e a alta tecnologia digital disponibilizada pela WWW na atualidade. Esta articulação corrobora a proposição teórica da qual comungamos, pois aponta para a relação imanente entre os aspectos históricos (tais como as novas tecnologias e novas maneiras de vivenciar e expressar a sexualidade) e os elementos mais sedimentados que cerceiam a experiência humana, providos de forte valor simbólico, presentes nos repertórios de todas as culturas (e.g.; religião, cosmologia, e teorias escatológicas). Esta imbricação realiza-se, replica e se atualiza nas interações sociais concretas, mesmo que mediadas, em alguma etapa ou fase, por um meio e espaço virtuais. Em outras palavras, trata-se de uma proposição teórica a qual postula que a vida social se perpetua através de constantes reinvenções, ou quiçá inovações históricas, resultantes de um processo dialético entre *contexto* (como novas tecnologias e formas de expressão da sexualidade) e *estrutura* (a dimensão religiosa, o poder inerente e as suas atualizações a cargo dos sujeitos).

Através de uma estrutura canônica e linguagem sacralizada, a G0y-Centric Theology define princípios, espaços e forças opostas e complementares acerca do que é, respectivamente, “puro” e



“impuro”, “natural” e “artificial”, “são” e “enfermo”, “divino” e “demoníaco”, “moral” e “imoral”⁴. Estas, por sua vez, gerenciam a percepção e a experiência da sexualidade entre os participantes, simpatizantes e potenciais novos membros do Movimento, os quais têm como modelo explanatório causal a premissa de que a quebra destes princípios é fonte dos males humanos; fazendo com que as práticas de sexo anal, a “afetação” dos “gays”, desrespeito aos princípios religiosos, as doenças (em especial o HIV/Aids) e os infortúnios sejam relacionados através de uma sequência positiva e interdependente. Por fim, a interdição sobre determinada prática tida como usual entre homens que fazem sexo com homens, parece operar como a contraparte ideal concreta que povoa a dimensão das representações acerca das práticas e interações homoeróticas “puras” e “abençoadas” segundo a teologia G0y. No topo deste esquema, residem e se articulam as construções do grupo acerca da identidade e da autoimagem, quase como a de “um povo escolhido por Deus”!

A articulação entre *Cosmologia, Interdições e Identidades Homoeróticas*, proposta pelo presente ensaio, parece ser tão cara para o Movimento dos G0ys, quanto para o olhar antropológico *afetado* pela agenda nativa. Cabe ainda ressaltar que este ensaio ora apresentado é preliminar.⁵

Os G0ys através do seu Sítio: Física e Metafísica de um movimento no Cyberspace

Paradoxalmente, a virtualidade baliza, mesmo que de forma ideal, um Movimento cuja primaz ontologia é a regulamentação de um código moral acerca das práticas e restrições que levam a criação de um tipo de identidade homoerótica. O “<http://www.g0ys.org/>”, é um sítio aberto ao público. Não há menção sobre a existência de uma “sede” física que serviria como “espaço” sócio-político ou mesmo ritual para que o(s) grupo(s) de G0ys se reúna(m). Há os que detêm a propriedade do sítio, os quais são os responsáveis pelo conteúdo veiculado, assim como são estes os que controlam a comercialização de mercadorias que propagam os seus ideais. Neste aspecto, trata-se de um domínio privado, inclusive com uma avaliação de seu preço de mercado; uma “umbrella”, ou uma “pirâmide”, cuja finalidade é ampliar o movimento, e onde o comércio destes bens é extremamente organizado e acreditamos ser de grande valia para a manutenção do sítio e expansão das fronteiras G0ys.

⁴ Soma-se a estas asserções sacro-canônicas, uma farta argumentação presente no sítio dos G0ys de que tais princípios são “cientificamente comprovados”, como se o sagrado e a “ciência” fossem espelhos perfeitos e positivos um do outro; um tipo de reedição da Escolástica na História da Filosofia Ocidental, onde razão e fé são sobrepostas. Similarmente, traços de um neo-Helenismo são identificados ao justificarem a “naturalidade” do homoerotismo grego e a estética de corpos fortes e delineados.

⁵ Uma versão ampliada desta discussão foi apresentada à Revista de Antropologia Vibrant, e aguarda parecer de seus editores.



A “amizade” está no topo da lista de axiomas dos “g0ys”. A amizade entre dois homens pode se fundir em algo tão íntimo e pessoal que o sexo se tornaria apenas um elemento, “encoberto por cordões invisíveis de amor, respeito e discrição extrema, que esconde algo extremamente íntimo e pessoal”. A reputação do exibicionismo, a promiscuidade, sujeira e a “bizarra cultura” atrelada ao termo "gay" é vista como uma afronta às relações “g0ys”. Em seu sítio, estabelecem uma analogia entre o termo gay e as iniciais ‘Got AIDS Yet?’.

O sexo anal é descrito como a última forma de “desrespeito sexual”, seja ele praticado entre homens e mulheres ou somente entre homens. Ademais, a “passividade” vem atrelada a valores e estereótipos que incluem a ideia de “covardia”, os quais, por sua vez, são associados a chamar outros homens por "menina", "puta", ou "queen", formas comuns de tratamento entre os “gays”. Ademais, os G0ys afirmam não ser “bissexuais”. Asseveram, no entanto, que pode haver bissexuais entre os G0ys, envolvidos em relações estáveis com outras mulheres, constituindo família, desde que estes não pratiquem sexo anal, seja com mulheres ou homens e sejam “masculinos”.

Na página de apresentação do movimento, em nosso último acesso datado de 13 de dezembro de 2009, havia a indicação de que aquela a visita era a de número 597.726. Nesta página, que dá entrada às demais, há um software, “Babel Fish”, que possibilita a tradução da mesma para vários idiomas, dentre eles, alemão, japonês, coreano, francês, italiano, português e espanhol. Ao entrar no sítio, depara-se com vinte e quatro seções, sendo que muitas delas, ao serem abertas, também oferecem inúmeras subseções, que por sua vez, abrem a possibilidade de incontáveis links. Dentre as 24 seções encontram-se listados, por exemplo, o “No-Apology”, “GodHates”, “Our Groups!”, “Literature”, “Support Us”, “Lie'n Fags”, “Dr. G0Y”, and “BrokeBack”. Há ainda uma infinidade de grupos que se intitulam “g0ys” na rede, todos hospedados no sítio “yahoogroups.com”, de acesso restrito. Dentre eles, destacam-se vários nos EUA, recortados por estados, um no México, um na Índia, outro na British Columbia. Outros são recortados por filiação religiosa, como os “Chrisitan G0ys”, os “Closed Clergy G0ys”. Há ainda os “Jewish G0ys”, os “Ex-gay male 100% G0ys”, os “Military G0ys”, os “Teen G0ys”, assim como os “40ish G0ys”. Em um tom de grupos de autoajuda para combater comportamentos compulsivos há o “Abstain from anal sex forever”! Todos com data de fundação posteriores a janeiro de 2005.

No que diz respeito ao sítio e o mercado da WWW, localizamos um endereço, o “<http://g0ys.net>”, posto à venda. Da mesma maneira, constatamos a existência de três sítios especializados em estatísticas que subsidiam os valores de mercado de sítios (www.quartcast.com, <http://dataopendria.com>, e o <http://stimator.com>) que mostraram perfis interessantes do G0ys.org..



O www.quartcast.com, consultado em 15 de dezembro de 2009, apontava o dado de que entre maio e outubro daquele ano houveram, em média, 5.151 acessos por mês somente nos EUA. O perfil dominante dos que o acessaram era composto por homens de meia idade. O sítio <http://dataopendria.com>, indica que 85,2% dos acessos ao sítio fora feito a partir dos EUA, enquanto 14, 8% a partir de outras localidades. O mesmo <http://dataopendria.com> avaliou o sítio G0ys.org em US\$ 309.366,00.

O Homoerotismo Sagrado: The G0y-Centered Theology

If you knew how many guys felt this way [attracted to other men without thinking they are “gay”], -you'd be astonished! Athletes, military, blue/white collar, "Bi"-guys, - even dudes who formerly thought of themselves as "gAy"; -- Now all say "g0y"! The list of guys discovering g0ys.org grows! Many are also deeply spiritual men who have discovered how wrong traditional religion can be (I.E: Romans 1 speaks against 'AnalSex', -not 'same-sex intimacy')! G0YS are about strong male bonding, health, affection, empathy and intimacy between men of conscience who esteem respect, dignity and privacy - as integral to the inner man. We place friendship first and welcome its intense deepening in an aura of trust. If you decide that Our's are your feelings too, then you're a g0y! **Welcome to the great male epiphany!** (<http://www.g0ys.org> grifos nossos)

Para os G0ys, a relação íntima entre dois homens, podendo esta até vir a ser expressa através de contato físico e da experiência do prazer, não constitui em si pecado algum, pelo contrário, afirmam que nas escrituras sagradas na tradição judaico-cristã, o amor entre os homens é exaltado. O que constitui pecado e é condenado veementemente é a prática do sexo anal, seja ela praticada entre pessoas de sexo oposto ou do mesmo sexo. É a partir desta proibição que os G0ys elencam todos os outros modelos explicativos que sustentam este impedimento, tais como os discursos científicos, a “fisiologia dos corpos e a naturalidade”, a origem das doenças, em especial o HIV/Aids que, segundo eles, vem assolando os gays que insistem nesta prática irracional e imoral, e, por isso estão sendo dizimados.

Central na sua argumentação é a referência que fazem ao Capítulo 1, da Carta aos Romanos, de São Paulo, onde pragueja a prostituição e o sexo anal no templo. Porém, segundo os teólogos G0ys, houve uma má interpretação do que Paulo condenara ao estenderem a condenação da prática do sexo anal a todas as formas de homoerotismo. Como escreve Paulo, àqueles que pecaram e receberão dentro de si mesmos o castigo merecido pelo comportamento perverso, ou seja, a morte. Da mesma forma como fez o apóstolo Paulo naquela época, atualmente os “g0ys” buscam salientar que “o sexo anal é o meio através do qual se dá a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis e letais para toda a humanidade.

A verdade G0y, que é, segundo o movimento, a verdade divina, articula-se com suas representações acerca da “masculinidade”, construções de gênero, comportamento e estética, assim



como também sustenta o conteúdo da sua identidade por contraste frente aos movimentos GLIT. Nutrem que a sua rejeição ao ato sexual anal e demais atos e estereótipos que “attempt to make a man a proxy for a woman”, operam como “the predominant trait - THE LINE - that separates g0ys from gAy-male culture in general.”

Ao considerar o Antigo Testamento, tenta, de certo modo, unir o judaísmo e o cristianismo, a teologia G0y refere-se à proibição do sexo anal como uma “lei natural” que o homem conhece há pelo menos 5000 anos. Afirmam que Moisés, de acordo com o Antigo Testamento, proíbe os homens de se deitarem com outros homens da mesma forma como se deita com uma mulher. Estabelecem uma sobreposição entre a aversão natural ao sexo anal às proibições trazidas pelas sagradas escrituras. Sustentam que tratar o ânus como “órgão genital” violaria o comando da lei de Moisés: “Não levantarás falso testemunho”. Por sua vez, tratam os ensinamentos de Moisés aos humanos (aos Judeus) como um dos alicerces da fé, posto que estes envolvem o arrependimento dos atos que levam à morte. Acrescentam que a sodomia é que fora condenada, e este praticado por heterossexuais.

Alegando fundamentação o Torá, o modelo teológico G0y afirma que nestas escrituras encontra-se proibição específica ao sexo anal e que foi o relaxamento e a preguiça indiscriminada dos homens que os levaram, sem critérios e distante da literalidade da escritura, a estender esta interdição a toda forma de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Entre os cristãos, afirmam, esta má interpretação (intencional ou por descuido) surgiu devido à exegese extremamente desleixada dos ensinamentos bíblicos. Unindo judeus e cristãos, chamando à atenção para o Deuteronômio, 19, além de afirmarem que a maior parte dos rabinos acadêmicos concordam com os G0ys. Soma-se aos textos, uma infinidade de “testemunhos”, sobre as transformações que têm experimentado em suas vidas após conhecerem o sítio e o movimento G0y. Alguns tratam esta experiência como uma forma de “conversão”.

Conclusões

Uma das propostas analíticas foi a de argumentar para a imanente articulação existente entre elementos mais sedimentados da cultura, como a religião, e os novos contextos históricos, mas fluidos, que inclui novas tecnologias; a própria retomada da importância atribuída ao fenômeno religioso no mundo contemporâneo; bem como as vicissitudes da própria epidemia de HIV/AIDS nas últimas décadas e seu impacto (se não epidemiológico, seguramente o de suas representações) junto aos segmentos da população de prática homoerótica. Desta forma, parte-se do pressuposto



teórico e analítico de que aspectos atrelados aos imaginários das sociedades humanas se replicam e reinventam ao fazerem uso destes elementos estruturais, como a cosmologia e a escatologia, providos de forte poder simbólico, para pragmaticamente darem conta e avançarem agendas políticas cotidianas através do uso de novas tecnologias. Seria esta uma possível explicação para o movimento dos G0ys conforme argumentamos ao longo do texto.

Além do desejo de projeção de um determinado grupo sobre os demais no campo das lutas políticas por ideologias, as motivações para esta releitura dos textos Judaico-Cristãos a serviço de homens distantes do “coming out” ou do “gay culture” ocidental das camadas médias das grandes cidades podem ser diversas. Não se pode descartar o aspecto econômico apresentado ao discorrermos sobre o seção do sítio “Support Us”. Porém, trata-se de um comércio que media relações a partir da percepção de uma outra lógica que não a que motiva o consumo de uma produto um mercado ou loja. Parece tratar-se de um complexo sistema de trocas, de retribuições por dádivas recebidas, além de representar o contraponto físico e material cujo objetivo é comunicar um novo estivo de ser homoerótico, uma nova identidade empoderada pelo poder divino.

Também não parecem ser “relativista” ou aglutinadora as suas posturas frente aos demais segmentos e grupos homoeróticos. Mostram-se, ao contrário, extremamente etnocêntricos, como iluminados, o Povo Escolhido por Deus, que detém a verdade, e que somente eles, ao respeitarem restrições comportamentais, experimentarão a suprema “male epiphany”!

O rechaço aos cross-dressing, cross-gender, sua teoria do “blind-genber” e do impedimento ao sexo anal por se tratar de um “chit hole”, nos tenta a utilizar a argumentação teórica proposta por Mary Douglas sobre a simbologia dos tabus, da poluição e da ordem social. Douglas sugere que muitas das ideias sobre perigos sexuais são mais bem interpretadas como símbolos da relação entre partes da sociedade, refletindo projetos de simetria e/ou hierarquia que se aplicam ao sistema social mais amplo. Tais padrões nada mais são que a representação de simetrias e hierarquias socialmente estabelecidas, portanto, não são plausíveis de serem interpretados como alguma coisa sobre a relação real entre os sexos. O que é poluente do sexo polui também o corpo e a moral. Os dois sexos podem servir, nesse caso, como modelo para a colaboração e distinção de unidades sociais. “Assim também, os processos de ingestão retratam uma absorção política. Algumas vezes, orifícios corporais parecem representar pontos de entrada ou saída para unidades sociais, ou a perfeição corporal pode simbolizar uma teocracia ideal”. Sendo assim, conclui-se que certos valores morais são mantidos e certas regras sociais são definidas por crenças em contágio perigoso. Diante delas, o rigor do controle deve ser maior, como observado entre os G0ys.



Várias outras questões caras à antropologia ficam ainda sem resposta. A exemplo: aonde reside o espaço social do rito – tão relevante para a perpetuação dos grupos – entre os G0ys? Estaria ele nas interações virtuais sexuais (e/ou quiçá também física para alguns que compõem o movimento e se conhecem) possibilitada pela WWW? Se replicaria na performance G0y?

Bibliografia

Comaroff, Jean. *Body of Power, Spirit of Resistance: The Culture and History of a South African People*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

Douglas, Mary. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

Geertz, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2001.

Sahlins, Marshall. *Island of History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

Websites

G0ys.org – GUys into gUys – Not gAys... Disponível em <<http://www.g0ys.org/>>. Acesso em 18 dezembro 2009.

G0ys Ministry Speaker's Resource Bureau Info. Disponível em <<http://www.g0ys.org/GMN.htm>>. Acesso em 18 dezembro 2009.

G0ys Network. Disponível em: <<http://g0ys.net/>>. Acesso em 18 dezembro 2009.